O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 358 — Preço 1$00
30 DE NOVEMBRO DE 1957

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

As palavras que introduzem a série de crónicas que vão ser publicadas sob esta rubrica são do iniciador desta coluna, o Cónego Dr. Eurico Dias Nogueira.

Ora ouçamo-lo para saborearmos melhor os primitivos de Pai Américo, que em sucessivos números havemos de ler:

Coimbra, 4/10/957.

«Procurei na velha colecção do «Lume Novo», a colaboração do saudoso Padre Américo, antigo aluno e superior deste Seminário.

Através destas crónicas, que se lêem com sumo agrado, adivinha-se já a ânsia de doação que, após o seu regresso definitivo a Deus, acompanhou toda a vida e norteou todos os passos do grande Herói da caridade cristã. Dá-los a conhecer aos numerosos leitores de «O Gaiato» é proporcionar-lhes o inefável prazer espiritual de continuarem a ouvir o Padre Américo, como se vivo fosse, ao mesmo tempo que se contribui para um melhor conhecimento do insigne Mestre e Guia de todos nós.

Tais crónicas foram escritas há cerca de 3 dezenas de anos. Foi em 1926 que surgiu a Revista dos seminaristas, «Lume Novo»,a substituir anteriores folhas soltas, por eles elaboradas, algumas das quais conseguiram atingir brilho invulgar e vida duradoira.Refiro-me a «Ordem», «Alma Nova», «Cronista», «Farol», «Lábaro», «Juventude», «Ecos», «Folha» e «Gazeta de Oxford».

Mas «Lume Novo» era mais que isso. Apareceu, num esforço de aperfeiçoamento, como Revista manuscrita e profusamente ilustrada.

A princípio apresentava-se com quatro ou cinco dezenas de páginas e várias vezes no ano. Mais tarde passou a anual. Aumentou de formato, melhorou a apresentação e multiplicou o número de páginas. É assim que ainda hoje se mantém, costumando ser lido do alto da tribuna do refeitório dos alunos.

Nele se treinam os seminaristas para as lides do apostolado escrito e se revelam por vezes autênticas qualidades de escritor e artista.

O Padre Américo, que para a sua criação contribuiu eficazmente, a isso se refere no 1.º número da nova Revista, com a crónica *Vantagens da Gazeta*.

Aí vai pois uma boa dezena de artigos escritos por ele e geralmente assinados com o pseudónimo de *Frei Junípero*, de que usava. São dos anos de 1926 a 1930. Tive o cuidado de juntar a cada um o n.º e data do «Lume Novo» em que se encontra, acrescentando-lhe por vezes pequenas notas para melhor elucidação dos leitores.

P.e Eurico Dias Nogueira

Vantagens da Gazeta

São mais do que à primeira vista parece as vantagens e utilidade da publicação mais frequente da Gazeta d'Oxford.

Em primeiro lugar, a natural agitação que causa no ânimo de todos o dia da sua leitura imprime uma nota feliz e abre um parêntese simpático na vida monótona e disciplinada da comunidade.

Em segundo lugar, exercita os colaboradores na execução de pequenos trabalhos literários, obrigando-os a ser correctos na forma e interessantes na matéria.

E finalmente, define-os, e este é possìvelmente o lado mais interessante da questão. Os homens que fazem a história da literatura, deixando nela os seus nomes, também deixam o carácter nas linhas das suas obras imortais e nós, que não temos o prurido de fazer história nem de imortalizar as nossas obras, não estamos no entanto isentos do mesmo princípio. O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é.

Por consequência colaboremos todos para o bem comum.

Procuremos viver todas as horas dos dias presentes em espírito de muita alegria e muita sinceridade. Nada de animosidades nem melindres. Isso não faz sentido na vida que nos propomos.

Todos são benvindos.

Aprendamos aqui dentro a não exteriorizar esses sentimentos, e assim seremos sempre e em toda a parte generosos, estimados, felizes.

Frei Junípero

«Lume Novo», n.º 1. (8 Dez. 1926).

Nota da Redacção:

Mal sabia Pai Américo quanto as suas palavras se lhe haviam de aplicar: «Os homens que fazem a história da literatura...deixam o carácter nas linhas das suas obras imortais...» «O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é».

Ele disse-se, sem o saber nem querer, em tudo quanto disse. E,

Cont. na pág. QUATRO

Felizes os que têm ouvidos para ouvir e ouvem. Sim, felizes. Temo pelos que têm ouvidos e não ouvem. Nem querem ouvir. O mal é profundo. O coração tornou-se insensível, os ouvidos duros, os olhos fecharam-se às realidades. Ditosos os que ouvem e compreendem. Não basta ouvir. É preciso compreender. Fazer seu aquilo que se ouve. Amar.

Da última vez que desci ao Barredo ouvi e compreendi. Fui portador de um grito angustiante. Melhor, fi-lo meu. Agora ia triste. O n.º 18 dos Mercadores esperava-me ansiosamente. Mandara já recado por um dos nossos rapazes. Queria que eu lá fosse. Sei o que querem e precisam. É o inverno que se aproxima. São as roupas nas casas de penhores. A cama nua. Dormir no chão.

Tais casas são um flagelo. Não resolvem problemas, agravam-nos. Os pobres não têm culpa. Pelo menos não é toda para eles. Pensam no presente.

O Barredo é uma zona triste. Ali, até as crianças perdem o encanto e a graça!

«Cemitério de vivos». É assim o Barredo!

Ia triste desta vez. Aquele clamor não fora ouvido, assim pensava.

Enganei-me. Quando regressei deram-me a notícia. «Tem ali um embrulho para a avó dos quatro netinhos. É um chaile de Ordins». Quem mandou? Não sei nem quero saber. Basta que Ele o saiba. Ditosos os que têm ouvidos para ouvir e ouvem. Ouvem e compreendem. Quando voltar ao Barredo hei-de ir mais quente porque levo comigo um chaile de Ordins. Mais quente ainda com o calor de quem o vai usar. E fico à espera. Há muitos que ouvem e não podem. Desses também precisa o Barredo. Mas os que podem? «Durmo no chão. Tenho o meu corpo pisado. A minha netinha também». Quem tem uma cama de que não precise e um colchão e roupa para uma cama? Ficaram à espera. É impressionante o espírito de solidariedade daqueles pobres. É para nós uma certeza. «Hoje é o dia das entrevadinhas». E foi. Não levamos programa nem guia oficial. Ali no coração do Barredo mora uma que foi peixeira e há 4 meses que não se pode levantar. Não ganha. Não tem quem olhe por ela. São as vizinhas. Que alegria por nos ver junto de si. Mais abaixo a Ti Joaquininha espera ansiosamente a hora de Deus para sair deste mundo. Está cansada de sofrer. A Rosinha tem estranhado a nossa ausência. Conta-me como esteve quase a morrer. É uma cruz pesada o dia a dia destes pobres. Se não lhes surge no caminho, de vez em quando, um cireneu, caem. Venham os cireneus. Ora oiçam: « Envio vinte para os doentes do Barredo. É pouco, bem sei, mas nem sempre o poderei fazer sem sacrifício. A

— Continua na 2.ª página —

AVISO

Aos senhores fabricantes, armazenistas e vendedores de lãs pedimos que não deitem fora os restos das lãs. Temos senhoras que podem aproveitá-los e dar-lhes um fim mais útil.

NOTA DA QUINZENA

As horas de trabalho no escritório trazem-nos muitas vezes doces surprezas.

Foi uma destas tardes lindas de Outono, como não as há em outra estação nenhuma. Batem discretamente à porta. Levanto-me e vou ver. Uma senhora modestamente vestida e duas crianças da mesma sorte. Vinham entregar-me um donativo para o Património dos Pobres, uma nota de mil. E acrescenta a senhora que esta era a sétima visita com igual quantia para a «Casa das minhas filhas».

Sem reparar na indelicadeza da minha reacção primária, eu vi apenas o contraste entre a modéstia do trajar e aquela nota de mil. E adiantei:

— Mas a senhora pode?

E ela, tão espontânea quanto eu o havia sido, responde muito segura da sua suficiência:

— Posso! Vamos é devagarzinho... O meu marido também trabalha...

Continuamos conversando. Ela é funcionária em uma Câmara. Os ordenados dela e do marido somam mensalmente à beira de três contos. Tem duas filhas. A educação delas. A sua vida fora de casa e a idade das pequenas obrigam-na a criada. Três contos não é nenhuma fortuna. A economia daquele lar há-de ser muito calculada e muito acautelada. A própria modéstia do trajar o dizia.

Mas o amor é mais forte do que a morte. E ela, como lhe basta a decência e o pão de cada dia, encontra sobras do seu pão e alegria por as partilhar com os que nada têm. A decisão do seu «posso», o sorriso no seu rosto — bem mo diziam.

E é verdade! Tanto pode, que, às migalhinhas, juntou em pouco tempo sete contos. É tão feliz, que nenhum outro uso daquela quantia, a tornaria mais. É tão confiante, que nem põe dúvidas no alcançar dos doze contos que hão-de ser chamados a «Casa das minhas filhas».

Quando a casa fôr, quem lá passar descubra-se. Ali é «casa de Deus e porta do Céu». Descubra-se. Não tenha hesitação nem vergonha. Seja digno daquela Mãe de duas filhas. Ó devoção!

x x x

No 3.º domingo de cada mês de Outubro eles aí estão, os Grupos Recreativos do Porto, sob o impulso dos «Bairristas do Palácio». Costumam ser muitas camionetas e muito dinheiro. Este ano menos, que a gripe impediu grande número dos inscritos.

Ainda assim as suas migalhas, de gente que vive só do seu trabalho, somaram 2.876$50.

Por grupos recreativos poderia julgar-se que vinham por aí, em excursão ruidosa, a caminho de outras terras, como tantos e tantos que nos visitam durante o verão. Eu mesmo assim pensei e, no decorrer da conversa, perguntei qual o itinerário da excursão.

— Nós, quando vimos aqui, vimos em romagem. Não vamos a mais parte nenhuma.

Ora pode ser que alguns destes grupos passem em excursão outras vezes, mas não no 3.º domingo de Outubro. Este dia é de romagem de piedade. Trazem seus estandartes, suas insígnias, vestem as melhores galas por homenagem a Pai Américo. Basta os dias já pequenos, às vezes de mau tempo... Mas não importa; aquele dia para eles é sagrado. Se o tempo não convida, ainda melhor: há sacrifício.

Este ano assim foi, uma vez mais. Pesarosos por trazer tão pouco. Eu disse que não, que traziam muito, porque era tudo quanto puderam conseguir e tudo passado pelos seus corações. Estiveram no cemitério, depois aqui em casa. Eu disse-lhes de como Beire ficava quase no caminho do regresso. Sei que foram por lá. Não por passeio, mas para remate daquele dia de peregrinação.

Bem haja a boa gente dos Grupos Recreativos do Porto. E até ao ano, se Deus quiser.

BARREDO

— Cont. da pág. UM —

lembrança dos pobres doentes aflige-me e entristece-me e gostaria de poder pedir a todos os assinantes que tenham um bocadinho de supérfluo, que ponham todos os meses um tanto de parte, para ajudar tanta necessidade e aflição». Fica o recado dado. Vieram mais 200 não sei de quem. Louvado seja Deus.

P.e MANUEL ANTÓNIO

Do que nós Necessitamos

Muito eu gostava de conhecer alguns amigos nossos que enchem esta coluna há tantos anos! Quem serão estes «dois amargurados»? Qual a razão da sua amargura? Pois não nos dá direito a participar nela e a desejar adoçá-la, esta presença perseverante, mês a mês, que vai gerando laços de intimidade entre os que fazem a família da Obra da Rua?! Uma vez mais, eles se abeiraram da Caixa do Espelho da Moda e ali deixaram a sua mensalidade. A mãe de M. A. enviou 50$, «percentagem de uma percentagem», mais o dobro em acção de graças pela miopia da minha filha não adiantar, pedindo ao Pai Américo para a proteger».

Mil da Zélia pelas melhoras do irmão Horácio. Menos 100 da Alameda D. Afonso Henriques. Menos 400 de «um filiado da Acção Católica», por uma graça recebida.

Da Companhia dos Telefones no Porto, 207$50 «excedente de uma subscrição para a compra de flores» e «em sufrágio da alma de Maria Aurora». Duzentos, de Lisboa, «como lucro da minha primeira venda». O dobro por alma de Maria Rosa. 5 em selos e dez vezes mais da Onitta «por uma graça alcançada». Sessenta e «Snr. Padre — por favor, um Padre Nosso!». Está cumprido. Outra graça recebida e a nossa comparticipação nela: 100$. É a assinante 9.560.

Mais uma Amiga da Obra, em Stratford — Inglaterra, que nem a distância faz esquecer. Carrazedo de Montenegro com 50$; Ovar com 20$; Ilhavo com o mesmo e mais 100$, estes «por uma alegria que o Bom Deus me concedeu». Cincoenta por intermédio do «Comércio do Porto».

Para ajuda da compra da nova impressora, 100$. É um engenheiro de Lisboa.

M. A., 200$ de uma promessa para um Pobre «dos mais pobres». Outra promessa, de uma Maria Amélia do Porto: 50$. O dobro por intermédio da Câmara Municipal de Valongo. Braga — Quinta de Santa Bárbara, com 40$ e Barreiro — R. Miguel Bombarda com metade. 45$ da União dos Transportes dos Carvalhos. E 200$ de um portuense conhecido, em dois quinhões iguais, «para a viúva da Nota da Quinzena» e para ajudar uma mãe a alimentar seu filho». Mais 50$ para a viúva dos 8 filhos de um portuense conhecido. E quanto vai dar aos Clérigos. 54. mais ao Lar, mais aqui, trazido pelos visitantes. Mais escovas de dentes de Trancoso. Há quanto tempo não vinham delas! Estas não chegam a quase nada. Quem as tiver, pode mandar.

100$ de uma professora no concelho de Gouveia. A Senhora Ana de Jesus e outros pobres não são esquecidos. Para aquela, 50 e 30 de Lisboa. Uma sobra de assinatura do Funchal.

As costumadas castanhas de Carrazedo de Montenegro. Daqui se fala aos leitores de Trás-os-Montes e outras regiões de castanhas a dizer que um saco delas é lembrança muito oportuna. Livros de Viseu. 100$ «duma amiga d'África». É da Beira. Pessoal da Mobil Oil 58$50. «A Avó de Moscavide» 20$. Descanse Avó que cá chegaram as remessas anteriores. Do grupo «Manda peso», 120$50. «migalhas recolhidas entre os excursionistas».

Flanela, cotim, riscado, pano sarjado, tudo coisa boa, de Caniços como recordação de 6/11/931. E foi expedida a encomenda em 6/11/957. Coimbra com 200$ «para aquilo que julgar mais necessário». Do Porto, por graças recebidas 60+170. E «que o bondoso Pai Américo peça a Deus por nós para que não volte a faltar-me a coragem de lutar pela vida».

217$90 — «aumento do meu ordenado». E, com o mesmo título, 68$ e este desabafo piedoso:

«Oxalá eu saiba merecer o auxílio de Deus para que dentro em breve possa mandar-vos nova importância de outro aumento, que colocará o meu ordenado mais de harmonia com as minhas novas responsabilidades».

Assim seja.

Campanha dos cinquenta mil

O nosso Carlos Gonçalves da Sena Sugar está atento. Quem for para lá que não seja assinante já sabe, o nome vem para cá. Ora, numa carta para o Bonifácio, Gonçalves manda mais três assinantes.

Como é consolador verificar que este e outros irmãos nossos espalhados por esse mundo de Cristo jamais esquecem a Obra de que são filhos! Filhos, sim; ela é Mãe e não madrasta.

Das listas enviadas há muito e a todos os leitores, continuam a chegar, velhinhas, mas não há nada que resista ao tempo. Por exemplo, um leitor de Malange esteve a ver se enchia as vinte e tal linhas. Como não conseguiu manda o produto do seu trabalho: seis deles com nota de «pago».

Segue-se Porto Amélia com sete e massa adiantada. Isto assim até dá gosto! Só uma dedicação forte, um amor mais alto, produz destes frutos. Apaixonados pela nossa causa. Quantos e quantos! Tanto faz aqui, como em África, como no Brasil. A distância não importa. Deus está em toda a parte.

Mais esta carta: «Sou Professora de instrução primária e encontro-me este ano em Cardal, pequena povoação de Ferreira do Zezere. O vosso jornal para mim será uma ajuda muito preciosa».

Os portugueses no estrangeiro muitos deles já conhecem o nosso jornal. Lêem, apreciam, interessam-se. E assim como naquele tempo os cristãos, não se calam nem desarmam. Convencem amigos e vizinhos. Durante estes dias recebemos um novo assinante de Nova Iorque, outro de Torino (Itália) e mais outro de Tiverton (Inglaterra). Aonde haja um português aí temos um «Gaiato». Não andamos longe da verdade.

e cá um senhor de Felgueiras mai-la sua família. Na secção do jornal desobrigou-se e rapou duma lista com 5 assinantes. Perguntamos se são dos «fixes». Que sim. Pois já lhes tinha dado o recado. Ficamos contentes. Assim vale a pena.

«O Gaiato» é um periódico indispensável. Quem o ler uma vez só e tenha o gosto das coisas altas não passa mais sem ele. Para o quê, vejam: «Fui sempre uma assídua leitora do jornal. No dia da sua distribuição aqui no Bonfim deixavam no número 243. Há tempos deixaram de o fazer e quando o quero obter tenho de procurar o distribuidor. Venho, pois, pedir a fineza de o mandar para o número acima indicado».

Agora vem lá o grosso do pelotão. É um nunca acabar de terras. Prestem um nadinha de atenção e não se enfadem: Porto (12 assinantes), Lisboa (12)—a guerra permanece acesa: Lisboa 12, Porto12... — Coimbra (4), Penafiel (2), Fundão, idem, Lourenço Marques, idem, Vila Nova de Ourém idem, Gaia idem, Lousa de Cima, Tabuaço, Alcochete, Évora, Pará—Brasil, Mondim de Basto, Gemena — Congo Belga, Proença-a-Nova, Mira, Pardelhas, Gerês, Cascais, Rio Tinto, Águeda, Salvaterra de Magos, Ovar, Póvoa de Varzim, Valadares, Perosinho, Viseu, Vilar — Cadaval, Fornelo — Vila do Conde, Nova Lisboa, Braga, Avelãs do Caminho, Vila Franca de Xira, Castro Daire, Mafra, Loures, Vila do Conde, S. Pedro do Estoril, Silves, Lameira — Pinhel Arazede.

Mesmo que a gente não queira temos forçosamente de decorar todas as terras de Portugal.

Júlio Mendes

Chales de ORDINS

O movimento artezanal dos Chales de Ordins visa a socorrer as mulheres necessitadas, material e moralmente e, por meio delas, suas famílias. Cada tecedeira é um mundo com seus angustiantes problemas. Não os solucionar é deixá-las num plano inclinado, onde, pela gravidade da miséria humana, se parará no pecado.

Não há muito convidei para tecedeira uma pobre adúltera, abandonada do marido. Encontrava-se pela sua fraqueza no tal plano inclinado. Era preciso lançar-lhe a mão. Doutro modo, a sua triste situação levantar-se-ia um dia contra mim, no tribunal de Deus. Mas, logo que o meu convite se tornou público, surgiu um movimento de antipatia contra a Pobre. Pois não era esta das que mais necessitava do amparo da obra dos chales, como os leitores lhe chamam? Sem dúvida, mas o mundo que apedreja os pecadores, porque pecam, não vê também com bons olhos os que lançam a mão à pecadora para sair do pecado. É assim o mundo... como os fariseus hipócritas. Senhoras tecedeiras esboçaram o mesmo sentir anti-cristão. Nenhuma se queria aproximar da Pobre, como se tudo estivesse perdido, irremediàvelmente. Enfim, sempre alguém se prontificou. Proferia ensiná-la, em casa dela, aos bocados. Condescendi. A pobre com a

Cont. na pág. QUATRO

Agora

Abrem a procissão os frequentadores do Café Aguia d'Ouro que tomaram a iniciativa dos do vizinho Chave d'Ouro e aparecem agora com 2.060$50. Ora isto está muito bem para principiar. Mas, se não quiserem ficar atrás dos frequentadores do Chave d'Ouro, têm de mexer-se pois estes já passaram a centena de contos, pelas últimas notícias que recebi.

Partindo da Batalha por S.ta Catarina e mais acima cortando a Gonçalo Cristóvão vamos dar à «Praça da República e ruas confinantes». A fogueira alastra. Continuam a chegar postais em brasa com os resultados da última hora. «Uma casa já está». E as notícias vêm em crescendo. «Há pois esperanças de duas casas.». E dias após: «Não há dúvidas que serão duas». E mais outros dias: «Iniciamos a segunda casa e pode ser que venha a terceira».

Vem agora o pendão das casas «a prestações»: M. M. — A. L. a 9.ª de mil. Seis vezes mais da 2.ª e 3.ª boladas para a casa «Seja o que Deus quiser»: «Nunca pensei que com tanta simplicidade me fizessem chorar tanto com as minhas próprias palavras. Entrou-me no fundo da alma e parece sentir-me mais aliviado o meu padecer, que é moral. Graças de Pai Américo que desejo receber sem fim».

Seguem mais 150$ para os Pobres com amoroso reconhecimento».

Mais a décima prestação do 3.º ano do do Plano Decenal e mil da Belarte, que fica agora em 8.500$, e duas vezes 500$, 9.ª e 10.ª pedras para «O Lar de S. José». «É com a maior satisfação que separo esta parcela do ordenado. Pena é que em vez da 10.ª pedra não seja já a 24.ª, para poder apalpar a obra criada, sim, porqne amá-la, ama-se logo que nasce a ideia de se criar!» Que mundo de verdade e, por isso mesmo, de beleza, nestes dois períodos tão simples e tão sinceros!

Ao J. L. da casa «À minha noiva» já só lhe faltam 2.000$. Mais quatro meses e hei-la prontinha!

Ainda na mesma corporação aparecem «Casa Cândidinha e seu pessoal» com a 13.ª demão de 400$ e a «Casa do António e do Fernando» com metade e os sócios de Proença-a-Nova voltam com 500$ qne perfazem 8 mil. Eles são os primeiros a lastimar a lentidão. Alguns até já desanimaram. «E é pena porqne sem sacrifício de maior Proença-a-Nova podia começar». Eu também entendo que sim. Se o vosso projecto é construir aí vamos àvante com o qne há, e o resto não há-de faltar a seu tempo. A obra é de Deus!

Fecha este grupo a filha mais velha de um engenheiro amigo, «hoje empregada na ONU em New York», com a 2.ª prestação de mil para a «Casa Avé-Maria».

As seguintes repartições dos C. T. .T: C. C. E., E. C. F., C. C. T., D. S. F. 2, Presepe e Cantina, de Lisboa — entregaram até Setembro deste ano 8.388$60. Façam o favor de subtrair de 12 mil e verão quanto falta.

Agora aparece o sempre impressionante aumento de ordenado. São 600$ de uma promoção a 2.º oficial dos CTT e mais este apelo: «...se todos os meus colegas que foram promovidos (e tantos foram!) pudessem e quisessem oferecer a importância referente ao aumento de um mês, veríamos com muita alegria aumentar as casas do Património». Delicadeza e justiça: «se todos pudessem e quisessem...» E a expansão da Caridade: «veríamos com muita alegria...»

É chegada a vez dos costumeiros: Pessoal da HICA 1.883$; Helena com 100+200; Pessoal do Grémio de Panificação do Porto, 368$; o que poupa 20$ ao tabaco em cada mês; e o Abílio da Beira, com 2×100.

Uma anónima entregou uma casa e não disse mais nada senão só certamente ao bom Deus. Ao Padre Baptista entregaram mais duas: Casas «Pai Américo» e «Santa Maria». Para esta foram 15 contos. E mais outra que, de Lisboa, aqui veio dar com esta carta de ler e ajoelhar:

«Já no tempo do Pai Américo, o meu grande desejo era oferecer uma casa aos Pobres, mas como não podia ser resignei-me, e ia dando o que podia.

Agora infelizmente herdei meia dúzia de contos, digo infelizmente, porque foi por me ter faltado o meu querido Pai.

Pensamos meu marido e eu, pôr todo no banco para poder ter algum rendimento, mas graças ao Pai Américo, lembrei-me do antigo desejo da Casa dos Pobres, e de combinação com meu marido, junto vão os 12 contos para a casa, e agora, se o merecermos e com a ajuda de Deus, será o melhor rendimento para nossos filhos.

Peço para fazerem aonde e qnando quiserem pois era assim que o nosso Padre Américo mais apreciava».

Ó requinte de delicadeza que a Caridade dá!

E a procissão de hoje, sem esquecer o que vem em Nota da Quinzena, termina. com 500$ por uma graça do Padre Cruz e o dobro de Lisboa e 500 de Labruge e o dobro de António Enes «hoje que começamos uma casinha que vamos pagar aos poucos, pedindo uma oração para que Deus nos deixe fazer a nossa». Quatro mil, da Rua João das Regras «para o destino que melhor lhe parecer». Demos-lhe este.

E 100$. 1.ª pedra para a «Casa de Nossa Senhora da Espectação» e esta carta que é um tratado de humildade e confiança e disponibilidade:

«Como é minha intenção que a casa seja para uma família numerosa, com muitas crianças, terei de arranjar mais do que os 12 contos do costume. Isto é o mesmo que dizer que a *pedra* é muito pequenina para obra de *tão grande monta*. Pedirei a Deus que me ajude e irei até onde Ele quiser que vá.

A casa é um desagravo da ofensa que a cidade de Belém fez a Jesus nascituro, fechando todas as portas e negando um berço Àquele que vinha ao mundo por amor dos homens. Esta ofensa tem-se repetido pelos séculos fora e repete-se ainda hoje, pois Jesus tem continuado a nascer em lugares imundos, na pessoa do menino pobre.

Porque é esta a intenção pela qual desejo erguer a casa, gostaria que se chamasse «Casa de Jesus Nascituro», «Casa de Nossa Senhora da Espectação» ou outro qualquer nome que recordasse o facto.

Os seus Gaiatos, que quase todos nasceram em lugares imundos, que escolham o nome mais apropriado.

Também gostaria que a casa fosse construida no Porto. Eu gostaria que o Porto fosse a mais bela cidade do mundo e sê-lo-á se dentro dos seus muros não mais os meninos nascerem em currais, como o Menino da Gruta de Belém.

Todavia, isto é apenas um desejo meu e o facto da aceitação da primeira pedra para a casa, não implica, para o Snr. Padre Carlos, compromisso algum.

Eu dou sem nenhuma condição.

O que digo acima é apenas um desejo e... mais nada!

Se Deus permitir que o meu desejo se realize e eu puder assistir à inauguração da casa, *perdido* entre o povo, sentir-me-ei tão feliz que nem ouso pensar; se Deus entender que não sou merecedor de tanto, e só a Sua Bondade e Amor o pode permitir, que se cumpra a Sua vontade e não a minha.

Seja Lonvado Nosso Senhor Jesus Cristo».

Para sempre seja Louvado e Sua Mãe Maria Santíssima!

TRIBUNA DE COIMBRA

Apesar de estarmos em pleno verão de S. Martinho a manhã de hoje era fria de inverno. E se na rua era manhã de inverno, dentro das casas que visitamos era de gelo.

Têm muita razão os pobres para temerem a época que se aproxima. Começamos por uma pobre e heróica mãe abandonada com nove filhos, tendo nessa altura o mais velho onze anos. A primeira vez que os vimos, viviam num corredor e num canto aonde estava uma cama. Fez-se-lhe justiça com uma casa do Património que agora habitam. O marido aparece de vez em quando, mas por instinto e não por amor. E podem assim andar estes homens à solta!

No caminho chamou-nos uma viúva com as mãos tolhidas. Tinha uma filha a ganhar mas há muito que não trabalha por causa dos pulmões. Os médicos mandam dar-lhe uma super alimentação, mas há muitos dias que não se acende o lume naqnela lareira. E há ainda dois filhos mais novos que nada ganham.

Seguindo, entramos noutra casa. É uma viúva doente de há muito e que estava na cama. Na sala brincava o filhito mais novo. Além deste, são dois: uma na escola e um que ganha 130$ mensais.

Quando há anos alguém nos chamou a esta família, fomos encontrá-la a fazer cozinha ao ar livre e dormiam por esmola, numa coelheira de madeira e rede de arame. Nessa altura estava em acabamento uma casa do Património dos Pobres e nós não hesitamos na escolha. Há tempos recebi recado para passar por ali. Estava aquela mãe à espera de 2$50 para um atestado. E estava à espera há uma semana. No regresso, era verão, fui pensando nos rios de dinheiro que se esgotam nos charcos e lamaçais do vício e do luxo e da vaidade e da soberba e do egoísmo.

E uma pobre viúva cancerosa uma semana à espera de 2$50!... Oh Deus, Senhor de todas as coisas, como a pobre humanidade anda ausente de si mesma e caminha afastada de Vós!...

Na casa vizinha fomos encontrar um rapaz que tinha ao colo uma pequenina de poucos meses a quem punha na boca sopas de pão. A cara da criança era enfèzadinha. Perguntei e soube que era gémea e a mãe vive numa barraca com mais três filhos e o pai está na vida militar.

Se parte das nossas famílias ricas e remediadas soubesse compreender e imitar estes actos heróicos em generosidade, como a vida de todos seria mais suave e humana.

Logo a seguir, numa cova de lodo e lixo encontramos um pequenino de sete meses a chapinhar, muito contente. À roda estavam quatro irmãozitos, quase nús, a brincar. Dentro, a mãe arrumava a miserável barraca. Não demoramos e fomos meditando nas mães ricas só com o seu filhinho ou com filhos por conta, muito preocupadas e sempre aflitas. E geralmente têm a ajudá-las duas ou três criadas. E as mães, todas são mães!

Passamos ainda em frente de outra barraca, donde me tinha vindo o seguinte recado: — «Mandava-lhe pedir o favor que tivesse dó de cinco filhos que tenho em volta de mim e tenho-os tido a quase todos doentes sem ter que lhe dar a comer e já me encontro com 5 meses de renda de casa que devo como o Sr. Padre sabe que tenho um infeliz que desde a idade de 5 anos que lhe deu esta doença na bexiga tem-me desgraçado quanta roupa eu tinha. Hoje quero-o deitar não tenho com quê. Pedia-lhe pela sna saudinha se me podia arranjar uns lençoizinhos ou alguma roupa de cama e tenho tido a minha filha mais velha muito doente. É aquela qne o Sr. Padre lhe mandou aviar a receita. Os médicos mandam-me alimentá-la o mais que eu possa mas eu não tenho com quê. Fico-lhe muito agradecida no que o Snr. Padre me puder auxiliar. Obrigado».

Na barraca em que vivem, o vento ao entrar pelas frestas da madeira, chega a apagar o candieiro. Son testemunha.

Eis o nível de vida da maior parte das famílias que vivem naquele bairro que ontrora era de latas e que agora só mudou exteriormente.

PADRE HORÁCIO

Visado pela

Comissão de Censura

UMA CARTA

«Dirijo-me ao Snr. Padre Carlos com o coração cheio de alegria para lhe comunicar que deve receber muito breve um cheque de cerca de 40 mil escudos (70 mil francos) que um grupo de senhoras portuguesas no Congo Belga, num acto de humilde caridade, se prestaram a angariar por todos os portugueses, que duma forma geral todos contribuiram com o seu óbulo. A vida está difícil por toda a parte e aqui também se faz sentir; senão a receita seria muito maior. Chegando eu com outra senhora a Brazzaville, chegou-se perto de nós um homem com as lágrimas nos olhos e meteu-me no saco o seu óbulo: «Estou desempregado e minha mulher está no hospital mas sinto tanto desejo de dar qualquer coisa,...». Os nossos olhos encheram-se de lágrimas, não pudemos recusar, tão ardente desejo sentimos naqnela boa e simples alma.

A nossa simples e abençoada festa de crianças com a venda do jornal na noite da festa. da qual lhe mando a notícia, já foi incluida na verba acima descrita.

Fui sempre uma devota do P.e Américo. Ele conhecia-me e tenho bem presente, uma benção e umas palavras que nunca me esquecerão!

O dinheiro foi entregue ao Vice-Consul de Portugal e por estes dias deve fazer a transferência.

Já depois de esta escrita vi o apelo que me fazia para adquirir assinaturas, mas qnando do peditório quase todos diziam que eram assinantes. Gostaria fazer uma assinatura para mim.

Quando irei a Portugal? Não sei, mas quando for desejava ver duas ou três casas com o título: «Casa oferecida pelos portugueses do Congo Belga». A todos os portugueses que vão a Portugal eu peço — vão ao Gaiato, não se esqueçam. Peça a Deus por mim».

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA

— Por toda a parte se ouve falar na gripe asiática. Pois cá em casa também chegou essa epidemia, que foi quase total. Só se ouve dizer: doi-me a cabeça, as pernas e as costas e lá iam indo, pouco a pouco, todos para a cama e João Martelo a subir e descer e a subir vezes sem conta para lhes levar as refeições. Agora já está tudo bom, graças ao Pai do Céu.

— Acabamos de fazer um muro na ladeira que dá origem à entrada para nossa casa. Só esperamos agora que a Câmara Municipal se resolva a fazer o resto que é calcetá-la.

— As nossas oficinas: tornamos a lembrar que temos muitos rapazes a trabalhar nas oficinas. Não temos que lhes dar a fazer.

Pedimos por isso aos nossos caros leitores que mandem trabalho para as nossas oficinas de qualquer espécie: para a Serralharia, Carpintaria, Sapataria, Alfaiataria, etc.

— No passado dia 27 fomos daqui um grupo de rapazes afim de fazer um desafio de futebol para a inauguração do campo e dos balneários do Tojal.

O jogo decorreu com grande animação.

Ganharam os donos da casa muito justamente, praticando um futebol mais limpo e mais vistoso. O resultado foi de 6-3.

— A NOSSA CONFERÊNCIA

Recebemos há dias do Conselho Particular de Coimbra a quantia de 269$70. Também da senhora das Caldas o costumado donativo. Esta senhora assim como tantos outros nunca se esquecem dos nossos Pobres.

Bom seria que os nossos leitores se lembrassem que vem aí o inverno e os nossos Pobres começam a pedir roupas. Por isso pedimos aos nossos leitores, que nos ajudem para assim podermos ajudar os que precisam.

Joaquim Alberto (Nelas)

TOJAL

— Felizes estes últimos dias que temos vivido.

Pai Américo está presente em cada momento. Dum modo especial no dia 23 de Outubro. Se ele ainda vivesse cá no mundo, faria nesse dia 70 anos de existência.

Por isso, embora tenha já partido para o Reino Eterno não deixamos de comemorar esse notável acontecimento. Este e outros factos são-nos inexprimíveis. Diante do Altar de Deus agradecemos ao Senhor a graça de celebrarmos o aniversário de Pai Américo e pedimos ao Pai do Céu que lance Sua benção sobre a Obra da Rua.

O dia seguiu como de costume, tirando apenas mais umas horas de trabalho.

Às nove horas da noite, juntamo-nos de novo para assistirmos a uma sessão de teatro, em que tomamos mais presente com a evocação das partes principais da sua vida.

Já agora que falamos de aniversários não me podia esquecer de dizer que festejamos também o dia 29 do mês findo, o aniversário do Carlos, chefe desta casa. O comer foi melhorado e no fim alguns discursaram em sua honra.

A festa terminou com umas palavras de agradecimento do homenageado aos rapazes, seguido de vivas e aplausos.

Nota da Tipografia: Também os colegas de Paço de Sousa, muito em especial os da Tipografia, Casa três e «Os Amigos do Pagode» o felicitam. Um grande abraço de todos.

Agora, amigos leitores, mandem-lhe uma prenda que ele merece. É bom rapaz... Come o caldinho todo...

— Já começamos a colheita da azeitona. Este ano as oliveiras carregaram-se o que significa que vamos ter muito azeite.

Zé do Porto

BEIRE

— No dia em que o nosso querido Pai Américo fazia anos, fizemos aqui uma pequena festa de lembrança. Tivemos missa. Foram convidados alguns pobres da freguesia para o jantar do dia que foi melhorado.

Precisamos de um harmónio para a nossa capela pois temos cá missa quase todos os domingos e ninguém se atreve a começar a cantar. Nem que seja um pequeno.

— Os nossos doentes ainda não têm roupas quentes e o frio já aperta por aqui. É Beire — Paredes.

— Visitantes explicam-se: três com 50$00 cada. No dia de anos do Pai Américo vêm dois senhores que o Alfredo atende no Calvário e acompanha-os aqui abaixo. E estando nós acompanhados pela «asiática», o cronista ao vê-los, vai a correr chamar a senhora. «Venha depressa que são doutores que até cheiram a remédios». Não cheiram afinal senão a amor à Obra e aos nossos pobres. Pois queriam entregar 3 notas à Obra e desandaram.

— Eu já mereço ser atendido, basta dizer que o Sr. Pe. Carlos já me entregou a harmónica, pena foi já vir desafinada. Vamos a ver se isto afina de vez. Aqui vão os maiores agradecimentos ao Snr. Adélio Ferreira, que foi o Senhor que ma mandou.

— Pi, pi, pi. Querem saber? Foi a atrevida da galinha que foi chocar dentro de casa na estante dos livros... Teve doze pintaínhos muito bonitos.

— No mesmo dia 23 veio uma família também trazer duas camisolas para os pequenos e umas calças. Lembrem-se dos doentes que precisam de agasalhos e calçado. O Edmaro, que tem doze anos, é que precisa de calçado quente porque não pode andar. Por isso é o que mais necessita. É Beire — Paredes.

— Caros leitores não deixem de visitar a linda Casa de Beire que tem um lindo panorama e um verso interessante:

Ai Beire terra de encantos.
Ai Beire terra de amores.
Ai Beire terra de encantos.
Beire terra jardim de flores.

Ao lerem isto fiquem desejosos de conhecer a Casa de Beire.

Zéquita

PAÇO DE SOUSA

— Mais Paço de Sousa cheia de *tironesia*... Há tanto tempo que te não via na colunas do *Melhor!* Quase sempre é composta grande para arreliar o *Sepadre Carlos* e o Mendes, mas estes cortam-lhe as orelhas, *só para ver o efeito!*... E viva eu!

— Um de Novembro de 1957. Dia dos fiéis defuntos. Em que nos lembramos dos entes queridos para uma viagem sem fim. Entramos no cemitério. Era tardinha. A noite, suavemente começava a abrir suas entranhas. No cemitério, muita luz. Era das velas que os fiéis acendiam nas campas de seus familiares. Os fiéis concentram-se e falam com o Infinito!

Flores. Muitas flores que com seu cheiro e sua alvura nos injectam na alma o doce Orvalho Celestial! Que bem que aqui se está. Como se sente e apalpa as belezas da alma! Como é bom amar e ser amado. Falo com letra de caixa alta. Mas tão pouco tempo nos conservamos neste Amor! Como somos maus!

Cada campa está enfeitada, como homenagem àqueles a quem amam.

Nós, gaiatos, não somos daqui mas aqui está, repousa o corpo de Pai Américo, o melhor de todos os pais! Viemos lamentar-nos, chorar? Não. nada disso. Pois não duvidamos que está na Eterna Glória.

Viemos, sim, dar graças ao Alto, toda a comunidade de Paço de Sousa, juntamente com os colegas do Lar do Porto, que passam sempre este dia na Casa Mãe da Obra da Rua!

Rezamos e cantamos. E o que ainda é mais importante, exortamos o povo da freguesia a fazer o mesmo, olhar mais para O Além!

Temos ordens e devemos missionar para que o Nome de Cristo, tenha nos lares o lugar primacial. Sem isto não há paz, concórdia entre os homens! Que importa dizer palavras lindas, fazer discursos de belo recorte literário se não procuramos a Fonte que jorra abundantemente e da qual os ressequidos teimam em não se saciar? Que importa dizer que somos bons, se não passamos de uns bichos humanos que vegetamos no charco da podridão que condena, mata e faz progredir o ódio e o rancor, que andam sempre de mãos dadas e têm lugar de honra na sociedade da nossa geração?

Que valor tem dizermos que somos cristãos se não vivemos o Decálogo?

Então que vamos fazer ao cemitério? Levar flores porque é chique? Rezar porque está na moda? Porque somos hipócritas? Porque enganamos os outros?

É preciso que toda aquela beleza, todo aquele perfume e alvura das flores seja o espelho do que cá vai dentro! Que este dia seja uma grande lição. O começar a arrepiar caminho de tantos de nós.

— Tlin... Tlin... Trás!

— Oh que caneco! E agora? Lá foi a lâmpada da cozinha.

Mário Tito e Guilhufe II começaram a atirar setas, a ver quem dava na lâmpada, talvez convencidos do inêxito, mas a coisa foi a sério...

— Eh pá, apanha os vidros e esconde-os.

— E outra lâmpada?

— Dizemos à senhora que foi tirada e que a gente não viu!

É assim que a comida não está feita a horas, aparece sem sal e tudo o mais!!!

— Também cá em casa os «Sputniks» deram muito que falar. Pôs todo o mundo na lua. Em todos os lados se discutia, assim como não esqueciam a «Laika». Se preocupavam com a sua saúde. Se estava bem ou mal e muitas coisas. De sorte que andaram muitos narizes no ar e muita gente a pensar na viagem à lua. Viva o luxo!

Daniel

Chales de Ordins

Cont. da pág. DOIS

«Mestra» bem ia, mas pela noite dentro punha-se a trabalhar sózinha. Era a fome. Resultado: uns poucos de chales inutilizados. Não houve então remédio que vir para casa da «Mestra», mesmo com repugnância desta. Tudo muito bem, enquanto a pobre não evidenciou um dos seus conhecidos defeitos,a língua, os mexericos. Foi o princípio da tempestade. A visada, que em casa da «Mestra» nada mandava, ameaçou ir lá de machado. Entretanto a pobre ahalou para o seu pardieiro com o quadro-tear, antes que fosse despedaçado. Tudo isto me contrista. Ora eu que tanto tenho sofrido das senhoras tecedeiras tenho mais que autoridade para lhes exigir se deixem também pisar pelas que à última hora entram no seu grémio. E senhora «Mestra» recebeu outra vez, embora de lágrimas a escaldar o rosto, a sua pobre aluna, tão alheia às cristãs regras do bem viver.

x x x

Tondela parecia ser a última palavra, mas foi suplantada pelo Porto. Senhor Governador Civil encomenda cem chales para os Pobres. Alegremo-nos todos. Dupla assistência: dá pão a Ordins e agasalha os Pobres do Porto. Quem nos dera muitos gestos desta ordem, sobretudo no verão, e com tal volume.

A Avó dos quatro netinhos já tem seu chale. O Centro Escolar n.º 18 da Mocidade Portuguesa Feminina vem por meia dúzia para a Semana da Mãe. E os outros Centros porque não aparecem? À Conferência da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, *acacei* dois. Foi um apertão que dei ao Júlio e ele caiu a bem dos Pobres.

Sintra cá vai. E Leça da Palmeira. E eu com pena de não poder abraçar P.e Regadas, da Lomba (Gondomar), que veio por um para sua mãe. E a Rna de Moçambique, em Lisboa, 400$, na mão, para três dos grandes. Pode encomendar, minha senhora, pois o nosso *stock* está bem fornecido. E o Porto: «como fiquei muito satisfeito...» já se sabe o resto.

Covilhã, Abrunheira, Rio Maior, Rio Tinto, Senhora da Hora, Monção, Lousã, Seixal, Viana do Alentejo, Coimbra, Tábua, Viana do Castelo, lembram-se de nós.

A Senhora lisboeta do chale mensal não falta. Vai encomendando todos os tamanhos e cores... e no fim volta ao princípio. Uma «médica novinha» envia um chale «a uma pobre doente inutilizada e que ela conheceu num hospital de Lisboa». Um cartão dizia da sua alma: «é o presente do Menino Jesus». Que Ele nos ilumine e aqueça a alma.

Abrigada, Albergaria-a-Velha, Coimbra («Deus queira que ao receberem esta encomenda minha tenham tanto trabalho que nem me possam atender com a pressa que quero, pois apesar de me fazer diferença ao mesmo tempo me dava satisfação por sabê-los com muito trabalho»), S. Brás de Alportel, S. Pedro de Alva, Espinho, Salreu, Ferreira do Alentejo, Porto, formam bicha diante de Ordins, mas logo são atendidos todos os pedidos. Até hoje ainda não recebi postal algum a queixar-se de demoras.

Santa Luzia é nossa conhecida. Por isso, volta, «juntando o útil ao agradável». Um chale já foi recebido por uma pobre de Coimbra pela alma de minha querida mãe». Tondelinha, recebeu quatro, oferta da Beira, «para dar aos Pobres no aniversário da morte da mãe de meu marido». Como tudo isto é belo! A África, quente e rica, a lembrar-se dos Pobres do continente, que ora sofrem o frio. Novembro é particularmente o mês das almas. Beira sufraga a «mãe de meu marido». Como tudo isto é cristão!

P.e AIRES

FACETAS DE UMA VIDA

Cont. da 1.ª pág

mais ainda do que nas linhas escritas, ele deixou «o carácter» nas linhas mestras das «obras imortais» que a Caridade de Deus realizou por suas mãos humildes e submissas.